

## PROJETO DE EXTENSÃO JOGANDO PARA APRENDER

LUCAS VARGAS BOZZATO<sup>1</sup>; VIVIAN HERNANDEZ BOTELHO<sup>2</sup>; FRANCIELE DA SILVA RIBEIRO<sup>3</sup>; FELIPE FERNANDO GUIMARÃES DA SILVA<sup>4</sup>; PATRÍCIA DA ROSA LOUZADA DA SILVA<sup>5</sup>; ERALDO DOS SANTOS PINHEIRO<sup>6</sup>

<sup>1</sup>Laboratório de Estudos em Esporte Coletivo – LEECol/ESEF/UFPEL – lucasbozzato2@gmail.com

<sup>2</sup>Laboratório de Estudos em Esporte Coletivo – LEECol/ESEF/UFPEL – vivianhbotelho@gmail.com

<sup>3</sup>Laboratório de Estudos em Esporte Coletivo – LEECol/ESEF/UFPEL – frandasilva9@yahoo.com.br

<sup>4</sup>Laboratório de Estudos em Esporte Coletivo – LEECol/ESEF/UFPEL – felipe.ferguisi@hotmail.com

<sup>5</sup>Laboratório de Estudos em Esporte Coletivo – LEECol/ESEF/UFPEL – patricia\_pris@hotmail.com

<sup>6</sup>Laboratório de Estudos em Esporte Coletivo – LEECol/ESEF/UFPEL – espooa@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

A prática esportiva na infância é de grande importância, pelo fato do esporte ser um fenômeno de natureza educacional e seus benefícios estarem relacionados a aspectos motores, sociais e afetivos (KORSAKAS, 2009). No entanto, compreendê-lo como um fenômeno social e cultural demanda identificar e adequar às manifestações do esporte ao ambiente em que está sendo empregado, seja, ele de rendimento, de participação ou educacional.

A ênfase do ensino do esporte coletivo visa ampliar o processo de ensino e aprendizagem, para além de gestos técnicos, isolados, sendo necessário jogar para aprender para o desenvolvimento da capacidade de jogo e das capacidades coordenativas (GRECO E BENDA, 1998).

No entanto, Greco (2007, p.81) indica que, ainda, “falta uma estrutura, uma filosofia e uma política de ações coerentes com as necessidades e interesses das crianças”. O desafio é como ensinar esporte no ambiente escolar, investindo em um ensino esportivo orientado, que respeite as fases da infância, transite pela intencionalidade do desenvolvimento motor, mas também da necessidade de se explorar o aprendizado tático.

Deste modo, surge a demanda de aproveitar o espaço acadêmico, e todos os subsídios que o mesmo apresenta, ou seja, ensino, pesquisa e extensão. Além disso, intervir no ambiente escolar é uma necessidade importante para estudantes do curso de licenciatura em Educação Física. Neste sentido, apresentamos o Projeto Jogando para Aprender (JPA), realizado pelo Laboratório de Estudos em Esporte Coletivo (LEECOL), da Escola Superior de Educação Física (ESEF), da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) em que o objetivo é verificar os impactos de uma intervenção pedagógica na aprendizagem motora, tática e atitudinal de escolares de seis a quatorze anos.

### 2. METODOLOGIA

Projeto Jogando para Aprender (JPA) teve início no segundo semestre de 2017, estando no seu terceiro semestre de atuação em parceria com uma escola estadual da cidade de Pelotas, cabe destacar que de acordo com a Lei Estadual, as séries iniciais do ensino fundamental não possuem a obrigatoriedade de professores especialistas na área da Educação Física. As aulas do JPA são ministradas por oito acadêmicos de graduação do curso de licenciatura em Educação Física da UFPEL, supervisionados por uma aluna da pós graduação e orientados pelo coordenador do LEECOL.

A organização do JPA ocorre a partir de uma reunião semanal dos graduandos e da supervisora do projeto para planejamentos e discussões sobre a prática pedagógica. São atendidas turmas do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental, durante o turno escolar, dois dias da semana com duração de 1 hora por dia.

Devido as idades dos alunos serem semelhantes e de acordo com a metodologia adotada, organizamos a intervenção em três turmas denominadas de (T1, T2 e T3). A T1 é composta pelos alunos do primeiro e segundo ano com idades entre sete e oito anos, a T2 pelo terceiro e quarto ano com idades entre nove e onze anos e a T3 pelo quinto ano do ensino fundamental com idades entre e doze e quatorze anos.

No tocante aos instrumentos utilizados pelo JPA para realização da intervenção pedagógica: Unidade didática por turma de modo semestral, de acordo com o método da Iniciação Esportiva Universal (IEU) (GRECO & BENDA, 1998); Entrevistas semiestruturadas aplicadas aos alunos e professores do currículo; Relatórios mensais dos acadêmicos a partir dos registros no diário de campo, o qual os graduandos fazem observações após as aulas ministradas; Relatório de prestação de contas destinada a apresentar as realizações do mês a escola parceira e acompanhamento do desenvolvimento motor dos escolares, é realizado através de um teste motor, Test of Gross Motor Development – 2 (TGMD-2) (ULRICH, 2000), pré e pós-intervenção no qual os escolares são avaliados por uma específica bateria de testes, composto por dois sub testes, sendo eles locomoção: galope, corrida e saltar com uma base, e a manipulação de objetos: rebater, arremessar, lançar, pegar, chutar, quicar e rolar a bola.

Com relação às estratégias utilizadas na intervenção, com a turma T1, crianças de seis a oito anos, são realizadas atividades de perseguição, estafetas e brincadeiras, predominantemente o foco é nas capacidades coordenativas (KROGER E ROTH, 2002).

Na T2, idades entre oito e dez anos, a ênfase é no ensino por meio de jogos situacionais, visando a tomada de decisão, atenção e percepção de estruturas funcionais (GRECO, SILVA e SANTOS, 2009).

Já na T3 a proposta é a prática do mini atletismo (CBAT, 2011), a opção de tal prática se justifica porque os alunos demonstraram um grande déficit nas habilidades básicas fundamentais, necessitando intensificá-las, a escolha do mini atletismo foi uma opção perante a atratividade da mesma e da possibilidade de melhorar aspectos como o correr, saltar, lançar e arremessar.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A realização do JPA encontra-se em andamento, mas as informações preliminares já indicam retorno positivo. Ao analisar os registros no diário de campo, fica perceptível a ampliação do repertório motor dos escolares, em que os movimentos são realizados com mais eficiência e menor demanda de tempo. Na questão atitudinal, estão mais comunicativos com seus colegas e professores, entendem o conflito como um aspecto negativo dentro da aula, reconhecendo e aprendendo com seus erros. Também percebemos um olhar mais crítico dos graduandos quanto o andamento do projeto, pois estes devem ser instruídos a tomar posições dentro do ambiente escolar, no qual essa vivência é importante para uma melhor prática profissional.

Em relação às entrevistas com as professoras do currículo, ambas demonstram otimismo com o projeto. Compreendem a necessidade de uma prática orientada e que os alunos precisam de momentos para exercitarem diferentes recursos que possam influenciar no seu aspecto motor e afetivo, acreditando que o JPA possa conduzir seus alunos a um melhor desempenho na sala de aula quanto em sua vida externa ao ambiente escolar.

#### **4. CONCLUSÕES**

Por se tratar de um processo ainda em construção, não nos permitimos tecer conclusões. No entanto, os indicativos são de que a prática orientada por meio da IEU, dos jogos situacionais e do mini atletismo contribuem significativamente para avanços motores, táticos e comportamentais, formação de escolares de seis a quatorze anos. Além disso, por se tratar de um projeto que entrelaça ensino, pesquisa e extensão tem oportunizado a experiência docente aos acadêmicos, em conjunto a maturidade científica.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CBAT. **Mini atletismo, iniciação ao esporte**. 2ª Edição Nacional, 2011. Acessado em 26 Ago. 2018. Online. Disponível em: [http://www.cbat.org.br/mini\\_atletismo/Mini\\_Atletismo\\_Guia\\_Pratico.pdf](http://www.cbat.org.br/mini_atletismo/Mini_Atletismo_Guia_Pratico.pdf)

GRECO, P. J.; BENDA, R. N. **Iniciação esportiva universal: da aprendizagem motora a treinamento técnico**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

GRECO, P.J.; SILVA, S.A.; SANTOS, L.R. Organização e Desenvolvimento Pedagógico do esporte no programa Segundo Tempo. In: OLIVEIRA, A.B.O; PERIM, G.L. **Fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo, da reflexão a prática**. Maringá: Eduem, 2009. Cap. 6, p.165–208.

KORSAKAS, P. **O esporte infantil: as possibilidades de uma prática educativa**. In: DE ROSE JUNIOR, D.; RÉ, A.H.N. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**. Porto Alegre: Artmed, 2009. Cap. 4, p. 61-72.

KRÖGER, C.; ROTH, K. **Escola da bola: um ABC para iniciantes nos jogos esportivos**. São Paulo: Phorte, 2002.

REVERDITO, R.S.; SCAGLIA, A.J.; PAES, R.R. **Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens**. Revista Motriz, Rio Claro, v.15, n.3, p.600-610, 2009.

ULRICH, D.A. **Test of gross motor development-2** (2nd ed.). Austin: Pro-Ed, 2000.